



GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. **Basilistas, basilianos ou basiletes? Uma homenagem a Margarida Basílio.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Número especial 2013. [<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br>]

## **BASILISTAS, BASILIANOS OU BASILETES? UMA HOMENAGEM A MARGARIDA BASILIO**

Organizadores: Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ/ CNPq/FAPERJ)  
e Maria Lucia Leitão de Almeida (UFRJ)

Este número da *Revista Diadorim* se caracteriza por ser temático: a morfologia é o seu foco. E não há como falar de morfologia e dos diversos processos de formação de palavras sem citar os trabalhos pioneiros e sempre inovadores de Margarida Basílio, principal referência na área. Assim é que o presente volume se constitui de parte das conferências apresentadas no II Colóquio Brasileiro de Morfologia, ocorrido na UFRJ, em junho deste ano, e de trabalhos que, apresentados ou não durante o evento, foram selecionados pelo Comitê Científico para compor este número em homenagem à querida colega.

A ideia de um evento especificamente dedicado à discussão de temas de morfologia, embora representasse um anseio da comunidade científica, foi concretizada apenas em 2011, quando da realização do Colóquio Brasileiro de Morfologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O evento, organizado pelos professores Luiz Carlos Schwindt e Ana Paula Scher, contou com a participação de vários pesquisadores da área, incluindo a homenageada.

A ideia da segunda versão do Colóquio surgiu em Porto Alegre, num alegre *happy hour* proporcionado pelo evento. Na ocasião, um grupo de participantes do Colóquio decidiu pela periodicidade do encontro. Em decorrência, foi sugerido, sem a presença e a anuência da Margarida, se não seria oportuna, na segunda edição do evento, realizada no Rio de Janeiro, homenagear, na linha do que vinha sendo praticado em outros eventos, um linguista de renome na área, nesse caso ninguém menos que a profa. Margarida Basílio, cuja produção se confunde com a história da morfologia no Brasil.

Prontamente, o que passou a ser chamado de Comitê Científico Permanente, que inclui, além da homenageada, os Professores Doutores Carlos Alexandre Gonçalves, Luiz Carlos Schwindt, Ana Paula Scher e Seung Hwa Lee, comprou a ideia e o Prof. Carlos Alexandre assumiu, à época, a difícil

tarifa de realizar um segundo encontro tão bem-sucedido quanto primeiro e, mais ainda, dedicado ao principal nome da morfologia no país.

Como a UFRJ abriga o NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português), grupo que se mantém em constante diálogo com a homenageada, por meio de participações de bancas de doutorado ou de mestrado orientados por ela ou pelos líderes do grupo, ou por participações conjuntas em mesas-redondas e congressos, nada mais natural – e justo – que a homenagem fosse sediada e apoiada pela instituição que teve a sorte de tê-la como professora e pelo grupo que faz de seus trabalhos e investigações fonte de inspiração, contando sempre com suas valiosas contribuições.

Falar da trajetória acadêmica da homenageada significa descrever parte da história da morfologia no Brasil. Na esfera da formação de palavras, praticamente não houve questão que escapasse ao olhar atento de Basilio. Embora ocupe posição de destaque em sua bibliografia, a análise da nominalização sempre esteve em companhia de apuradas descrições sobre outros processos de formação de palavras, como a composição e a prefixação, e abordagens de cunho mais teórico na linha da morfologia lexical de base gerativa.

Sua tese de doutorado, defendida em 1977, na Universidade do Texas, Austin, é, sem dúvida alguma, um dos estudos seminais na linha da hipótese lexicalista inaugurada por Chomsky (1970). Escrita na mesma época que *Word Formation in English*, de Mark Aronoff, a tese, que veio a se tornar seu primeiro livro, *Estruturas lexicais do português*, publicado pela Editora Vozes em 1980, prima pela aplicação criteriosa do modelo lexicalista à formação de palavras em português. A distinção formal entre regras produtivas e improdutivas, por meio da operacionalização de RAEs (Regras de Análise Estrutural) e RFPs (Regras de Formação de Palavras), bem como o estabelecimento de padrões derivacionais gerais e, sobretudo, a relativização da hipótese base-palavra são pontos altos de *Estruturas lexicais* e mostram uma alternativa consistente e interessante de abordar questões mal-resolvidas na obra de Aronoff.

Antes da tese, Margarida deixou-nos bons artigos sobre questões mais gerais de morfologia, como a operacionalização do conceito de raiz, o problema da segmentação e da classificação dos elementos morfológicos e os fundamentos para o estudo da morfologia na modalidade escrita. No entanto, foi no paradigma da morfologia de base gerativa que Margarida escreveu a maior parte de sua obra. Nessa linha teórica, sem dúvida alguma fez escola: formou uma geração de pesquisadores interessados na análise dos processos de formação de palavras nessa perspectiva que vinha se tornando tão promissora. Foram temas de suas orientações, nessa época, questões como a derivação regressiva, a distribuição dos agentivos denominais em *-eiro* e *-ista*, a formação de aumentativos, a parassíntese e várias abordagens, posteriores às suas, sobre sua principal paixão: a nominalização.

Nesses frutíferos anos de pesquisa e docência, em duas instituições cariocas, a UFRJ e a PUC-Rio, foram mais de 40 trabalhos orientados, entre teses de doutorado e dissertações de mestrado. Vários de seus ex-discípulos participaram do II Colóquio, seja como conferencistas, como é o caso de Luiz Carlos Rocha e Maria Carlota Rosa, seja como congressistas, como Neusa Salim Miranda, Jander-son Lemos de Souza e Fábio Flores, representantes de diferentes gerações de morfólogos que tiveram o privilégio de sua preciosa orientação.

Seu segundo livro, *Teoria Lexical*, da Coleção Princípios da Editora Ática, que já se encontra na oitava edição, é bibliografia básica em praticamente todos os cursos de graduação em Letras e constitui referência obrigatória para iniciados e iniciantes na área. A forma clara com que examina o fenômeno da formação de palavras no português, com grande variedade de exemplos, orienta o leitor no estudo dos principais pontos da teoria lexical. Nesse livro, Basilio explica como se formam as palavras e discorre a respeito da diversidade de situações de suas formas e significados, além de apresentar os critérios para a definição de classes de palavras e as diferenças entre a língua escrita e a língua falada.

*Formação e classe de palavras*, publicado mais de quinze anos depois de *Teoria Lexical*, em 2004, pela Editora Contexto, retoma, de forma mais abrangente, muitas das questões apresentadas na obra de 1987. Os tópicos selecionados para análise são assim abordados na obra: “*as palavras servem para nomear o mundo. Mas como elas, as palavras, nascem? De onde se originam? Como se consolidam? De que forma se reciclam para produzir novos significados?*” Nesse livro, Margarida, de maneira extremamente didática, dissecou os padrões gerais e os principais processos de formação de palavras no português falado no Brasil, revendo, com novos olhares e com mais profundidade, aspectos teóricos que sempre estiveram à frente de suas descrições, como a questão da produtividade lexical e a flutuação categorial dos produtos de regras morfológicas. Como bem ressalta na introdução, o livro resulta de suas pesquisas sobre as estruturas lexicais do português nos últimos vinte anos e oferece ao público leitor uma visão articulada dos principais processos de formação de palavras, tendo como ponto central a questão da mudança de classe e suas funções na constituição do léxico.

Duas obras organizadas por Basilio merecem ser destacadas: a primeira delas é a revista *Palavra*, da PUC-Rio, de 1999, inteiramente dedicada à delimitação das unidades lexicais. De maneira criteriosa e crítica, Margarida sinaliza, na introdução, as questões clássicas e recentes na delimitação das unidades lexicais: (a) o caráter escorregadio da noção de palavra; (b) a problemática da prefixação, em sua relação com a composição; (c) os critérios usados na definição de compostos, (d) o estatuto de expressões de valor adverbial como, por exemplo, ‘a pé’, ‘a caráter’, ‘a nado’ e ‘de repente’; (e) a natureza difusa das formações *X-mente*. Este último assunto foi o escolhido na homenagem feita a Ataliba de Castilho em um número especial da revista DELTA um ano antes (1998): “*Morfológica e Castilhamen-*

te: *um estudo das construções X-mente no Português do Brasil* – sem dúvida alguma a melhor descrição das formas em *-mente* até hoje.

E já que mencionamos nosso querido Ataliba, merecem destaque os vários volumes editados no âmbito do Projeto *Gramática do Português Falado* contendo trabalhos do GT de Morfologia em conexão com o enfoque inédito de questões morfológicas em *corpora* de língua falada. Margarida assinou capítulos de diferentes volumes da *Gramática do Português Falado*, além de ter organizado o de número 4 (1996). A importante e necessária distinção entre condições de produtividade e condições de produção ganha destaque nessas análises.

Um divisor de águas em sua produção científica, no nosso entendimento, é o trabalho intitulado “*O Princípio da Analogia na constituição do Léxico: regras são clichês lexicais*”, publicado na revista *Veredas*, de Juiz de Fora, Minas Gerais. Nesse texto, Margarida discute as vantagens de se operar com o princípio da analogia, de inflexão saussureana, por retomar a noção de quarta proporcional, para descrever padrões de formação de palavras. Assim é que aborda questões como (1) a substituição de partes de palavras não-complexas, como ‘espadachim’, por outras, a exemplo do célebre ‘enxadachim’, de Guimarães Rosa, e (2) o cruzamento vocabular de casos como ‘Irangate’, a partir de ‘Watergate’.

A analogia, no trabalho em questão, proporciona vislumbrar a relativa arbitrariedade da formação de palavra, pois o ‘enxadachim’ é aquele que utiliza a enxada de modo tão eficaz e elegante quanto o ‘espadachim’ e ainda perceber que ‘Watergate’, reinterpretado como escândalo político, é evocado para a formação e interpretabilidade da expressão ‘Irangate’. Basilio lança, pela primeira vez, novo olhar sobre os dispositivos de que o falante se vale para criar palavras novas, acenando para o fato de regras serem “*fossilizações, gramaticalizações ou burocratizações do uso da analogia em léxicos particulares*”. Observa, ainda, que, do ponto de vista teórico, “*o interesse se volta para a identificação do léxico como um elemento de interface comunicação/conhecimento/estrutura, para a definição e o alcance da analogia e, finalmente, para a atuação relativa de fatores subjacentes à criatividade lexical*”, o que, na nossa leitura, acena para uma nova fase na produção científica de nossa homenageada.

Numa perspectiva mais funcionalista que propriamente formalista, Basilio se volta para o exame de temas na esfera da formação de palavras ainda não contemplados em suas análises. Assim é que ganha destaque, a partir de 2004, o estudo do mecanismo da fusão vocabular, examinado em três diferentes trabalhos, um deles sobre a importância de fatores que muito apropriadamente denominou de “*humorfológicos*”, já que estamos falando de formações como ‘celebutante’, ‘monocelha’, ‘apertamento’ e ‘ronalducho’.

Mais tarde, Margarida postula que existem dois mecanismos distintos de cruzamento vocabular: um, por incorporação predicativa (‘apertamento’), e outro, por combinação de partes de palavras

(‘brasiguaiio’). O primeiro, batizado de FUVE, FUsão Vocabular Expressiva, refere-se às formações em que se verifica “*interposição de uma forma sobre a outra, na qual uma alteração fonológica mínima permite ativar ambas, a hospedeira e a predicativa simultaneamente, daí resultando uma força expressiva maior na predicação*”.

Ao abordar mais detidamente o papel da polissemia nas construções lexicais e da metáfora e da metonímia em formações como os agentivos em *-dor*, Basilio incorpora em suas análises, ainda que não declaradamente, uma nova perspectiva de investigação, inscrevendo-se, aos poucos, no paradigma da Linguística Cognitiva, sobretudo na linha de Langacker.

Num texto recente, publicado na revista *Linguística*, aqui da UFRJ, mas já clássico, por seu indiscutível alcance teórico, Basilio compara as abordagens cognitiva e gerativista na formação de palavras. Nele, apresenta algumas proposições centrais da Linguística Cognitiva que revelam uma perspectiva promissora para refletir sobre os fatores levados em conta na descrição de construções lexicais complexas. Basilio ilustra a discussão conceitual com alguns exemplos mais concretos de problemas pontuais em descrições específicas e mostra a relevância de algumas das principais ideias da Linguística Cognitiva para um tratamento mais revelador das construções lexicais. Esse texto, de 2010, e um outro, de 2011, sobre o conceito de léxico, constituem suas principais incursões no campo da Linguística Cognitiva (LC). Em perfeita sintonia com as premissas basilares da LC, define léxico como

“um espaço de formas simbólicas, isto é, **formas que se associam a conceitos**. Essas formas, as unidades lexicais, **cujas possibilidades de evocação são infinitas**, dependendo de circunstâncias que podem envolver desde a história da língua e a história dos falantes envolvidos numa situação linguística e sociocultural, até relações **entre formas e suas potenciais evocações**, são usadas na construção de enunciados linguísticos”.

Contida nesse texto, de leitura aparentemente fácil, encontra-se a noção de unidade lexical como signo saussureano (“*formas associadas a conceitos*”), mas também a visão langackeriana de que entre o polo do significante e o do significado são convocadas noções como armazenamento em bases cognitivas de conhecimento (“*podem envolver desde a história da língua e a história dos falantes*”). Além disso, as noções de polissemia e subjetificação do significado (“*relações entre formas e suas potenciais evocações*”), tão caras à LC, que rompe com a semântica de traços e com a semântica objetivista, também se encontram presentes na definição de léxico acima apresentada.

Enfim, pesquisadora ímpar, sempre atenta a novas descobertas, aberta ao debate pacífico, professora exemplar, orientadora dedicada – uma mente brilhante, em ampla atividade até hoje e disposta

a trilhar novos horizontes, ampliar seus temas de investigação e seguir por perspectivas que se mostram promissoras ao exame de questões que sempre lhe foram caras. Margarida é isso: é sinônimo de morfologia. Falar de Margarida é falar de alguém que se dedicou com afinco a essa área, com toda a seriedade e doação possíveis. Por isso, não temos a menor vergonha de admitir que somos *basilietes*. Somos sim, com toda a expressividade que essa FUVÉ pode apresentar. Somos *basilietes* porque somos fãs de seu trabalho e a tietamos, ainda que discretamente.

Sem dúvida alguma, também somos *basilianos*, porque concordamos com suas ideias, sempre muito acertadas, e nos identificamos ideologicamente com suas análises, com os conceitos que formula, com o encaminhamento dado aos temas. Somos *basilistas* também, considerando-se que as formas *X-ista* igualmente designam agentes ideológicos. No entanto, ainda não consideramos basilistas por completo, em função da polissemia do afixo, que tende a nomear especialistas no que a base, Basilio, representa. E, por constatar, nessas formações, dois *inputs* metonímicos (o nome de dada corrente teórica ou autor que a caracteriza e o sufixo que recruta o tipo de seguidor ou elemento filiado a tal corrente), Basílio cunha e inaugura noção extremamente produtiva para a análise de palavras derivadas – a dupla metonímia.

Os trabalhos que compõem este volume refletem a inquietude intelectual da homenageada, seus diversos interesses e a sua importância para os estudos da área. Encontram-se, neste volume, textos de pesquisadores de todos os recantos do país, de norte a sul, de leste a oeste, bem como pesquisadores de morfologia do outro lado do Atlântico. Em todos os trabalhos, pelo menos uma obra de Basilio é citada, o que mostra sua importância nas análises morfológicas sobre o português.

O primeiro ensaio, “*A interface morfologia-sintaxe-semântica: variação flexional em compostos NN*”, de Graça Rio-Torto (Universidade de Coimbra) descreve a variação flexional de uma subclasse de compostos NN do português e analisa as motivações dessa variação à luz de critérios de natureza morfossemântica. A reflexão sobre os dados empíricos permite observar a necessidade de articular morfologia, sintaxe e semântica para explicar as diferentes leituras que tais construções convocam. A esse trabalho, segue-se “*Era uma vez uma gramática que não tinha morfologia*”, de Maria Carlota Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), uma das primeiras orientandas de Margarida. A autora indaga, a partir de uma obra seiscentista, de que meios um gramático podia lançar mão para descrever a estrutura e a formação das palavras. A autora observa que, sem unidades como raiz ou prefixo, é com unidades como letra e palavra que o jesuíta Pedro Dias descreve a complexa morfologia do quimbumbo.

O estudo a seguir é “*A morfologia histórica e os estudos etimológicos da língua portuguesa*”, da autoria de Mário Eduardo Viaro (Universidade de São Paulo). No texto, o autor verifica que, a partir do momento em que a Linguística passou a dedicar-se à segmentação de palavras, uma nova perspectiva

se abriu com o estudo especializado da morfologia, a qual se encontrava mesclada à Lexicologia, desde a sistematização das classes de palavras pela Gramática ocidental no período alexandrino. Observa, ainda, que, com o advento da Linguística Moderna e o amadurecimento teórico do Estruturalismo e do Gerativismo nas descrições e explicações teóricas para a sincronia atual, originou-se uma teorização do fenômeno diacrônico, aplicável ao setor morfológico. Por fim, destaca que, retomado o estudo morfológico de viés diacrônico, após o maior conhecimento das relações intersistêmicas, somou-se ao conhecimento das transformações formais e semânticas também a necessidade de coerência intersistêmica nos modelos, mediante um método etimológico mais adequado aos dias de hoje.

Odete Pereira da Silva Menon (Universidade Federal do Paraná) observa os Sobrenomes no feminino e patronímicos em *-ez (-es)*. Em relação à história interna da língua, a autora propõe: (i) fixar a existência de uma flexão feminina para os sobrenomes; (ii) aventar hipóteses sobre a origem e o desaparecimento desse mecanismo; (iii) constatar a produtividade do sufixo patronímico *-ez (-es)* até o século XV, pelo menos. No tocante à história social da língua, observa que é possível acompanhar uma parte da trajetória de atribuição dos nomes e sobrenomes das mulheres: (i) inicialmente, um prenome e um ou dois sobrenomes, que elas conservam na vida religiosa (Violante Nunes, Guiomar Velha, Paula Cardosa, Dona Maria de Ataíde); (ii) dois sobrenomes: um religioso e outro profano (séc. XVI), como Dona Brites das Chagas ou de Meneses e Noronha, Sórora Margarida Baptista ou Tavares de Távora; (iii) abandono do sobrenome civil e adoção do religioso (séc. XVII), como D. Luísa da Anunciação; Madalena de Cristo, de São José; Maria das Chagas, do Presépio, da Encarnação, Úrsula das (onze mil) Virgens, Isabel dos Serafins; (iv) dois ou mais prenomes, com ou sem sobrenome civil (séc. XVIII-XIX): Ana Catarina Luísa de Jesus; Antónia Luísa Jacinta de Santa Joana; Ludovina Lúcia da Conceição de Sousa Faria; (v) levantar hipóteses sobre a recusa a mencionar os sobrenomes no feminino.

A seguir, temos o trabalho intitulado “*Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi -eir-]N<sub>j</sub> no português arcaico*”, de Juliana Soledade Barbosa Coelho (Universidade Federal da Bahia). O estudo disponibiliza uma introdução à reflexão sobre a polissemia não como propriedade que afeta exclusivamente a palavra, mas como um fenômeno cognitivo capaz de integrar uma rede de subesquemas construcionais em torno de um mesmo elemento formativo, nesse caso o sufixo *-eiro*, observado em seu uso no português arcaico (séculos XIII – XVI).

O texto “*Interface fonologia-morfologia: diminutivos no PB*”, de Seung Hwa Lee (Universidade Federal de Minas Gerais), discute e reanalisa a formação de diminutivos no português brasileiro e suas propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas. O autor observa que a formação de diminutivos é um dos assuntos mais discutidos na literatura e há divergências quanto ao estatuto dos sufixos *-inho/-zinho* e quanto à sua formação; são tratados como i) sufixos derivacionais; ii) sufixos com estatuto

de palavras fonológicas; iii) derivação por sufixação *-inho(a)* e composição fonológica por sufixação *-zinho(a)*; iv) composição fonológica; v) OO-Correspondência, vi) Adjunção sintática. Lee mostra que os sufixos de diminutivos – *-inho(a)* e *-zinho(a)* – apresentam comportamentos fonológicos e morfológicos bem diferentes das outras operações morfológicas, como derivação, flexão e composição, e são tratados como sufixos de formação produtiva.

Em “*Derivações em -inho e o caso da soante palatal /ɲ/*”, Cíntia da Costa Alcântara (Universidade Federal de Pelotas) analisa o estatuto da soante palatal em formações com o sufixo diminutivo *-inho*. É à luz da proposta de Wetzels (1997; 2000) que interpreta a manutenção da nasalização vocálica no vocábulo derivado (p. ex., u[ĩ]nha, para o diminutivo ‘unha’), o qual não mais carrega a nasal palatal da base. Além disso, emprega a ferramenta PRAAT, versão 5.3.48, a fim de trazer aporte empírico para a hipótese de que o falante nativo do PB não costuma confundir realizações como [bẽĩɲɐ], para o diminutivo de ‘banha’, e ‘bainha’ ([ba’ĩɲɐ]), em razão de haver pistas acústicas da soante nasal palatal, ausente da forma derivada com sufixo *-inho*, sobre a vogal núcleo que permanece no vocábulo derivado. Mostra, por fim, que os resultados da análise corroboram o modelo da fonologia autossegmental proposto por Clements & Hume (1995).

Em “*Na sextaneja com a caipifruta da mãedrastra*”: o estatuto morfológico dos *splinters* no português brasileiro contemporâneo”, Carlos Alexandre Gonçalves (Universidade Federal do Rio de Janeiro) objetiva (a) definir, com base na literatura especializada recente, partículas como *-nejo*, *-tone* e *-drasta*, chamadas de *splinters*; (b) mostrar que esses formativos resultam de processos não-concatenativos de formação de palavras, mas se adaptam aos padrões de prefixação ou sufixação, por serem formas presas; (c) elencar o conjunto de *splinters* em uso na língua, distinguindo os nativos dos não-nativos, estes últimos denominados xenoconstituintes; (d) diferenciar os *splinters* de outras unidades de análise morfológica, como afixos, radicais e afixoides, com vistas a checar o estatuto dessas partículas na morfologia do português; por fim, (e) seguindo Bauer (2005), mostrar os possíveis destinos dos *splinters* nas línguas naturais.

O ensaio que fecha este número é o intitulado “Sobre a gramática das palavras” e é da autoria de Alina Villalva (Universidade de Lisboa). Nele, a autora considera que a produção de novas palavras por recurso a padrões morfológicos tem características muito distintas da produção de frases. Mostra Villalva que e originalidade, por exemplo, é uma característica valorizada no segundo caso, mas não no primeiro. Parte dessa observação para construir uma inferência acerca do registro das palavras complexas no léxico. Por outro lado, nota que a existência de padrões morfológicos de formação de palavras que operam regular e produtivamente contrasta com a ocorrência frequente de outros recursos de introdução de neologismos, como os empréstimos, por exemplo, e embate, sobretudo, com o que parecem ser funcionamentos anômalos de processos morfológicos regulares.

Essa seleção variada mostra como a comunidade de pesquisadores que fazem da morfologia seu objeto de estudo vem lidando com questões muitas vezes discutidas nos trabalhos de Basilio. Esperamos, com isso, que o legado de Margarida sirva de inspiração, cada vez mais, para novas gerações de morfólogos que não apenas aprendam com sua obra de valor inestimável, mas também se tornem *basilistas* na vasta rede conceptual que esse sufixo evoca.